

MANDALA: UM ESTUDO NA OBRA DE C. G. JUNG

Monalisa Dibo

Mestranda em Ciências da Religião – PUC-SP

monadibo@terra.com.br

Resumo: esse artigo trata de um tema interdisciplinar, no qual se pesquisa a *mandala*, termo da tradição oriental introduzido na psicologia por C. G. Jung para designar uma representação simbólica da totalidade. Procura-se, inicialmente, observar se o desenho da *mandala* pode ser útil na alteração do comportamento dos adolescentes em sala de aula.

Palavras-chave: mandala; tradição hinduísta; tradição budista-tibetana, comportamento adolescente em sala de aula.

Abstract: This article deals with an interdisciplinary theme in which *mandala*, eastern tradition term introduced in Psychology by C.G. Jung to designate a symbolic representation of totality, is researched. Initially, one intends to observe if the design of mandala can be useful in changing teenager's behavior in the classroom.

Keywords: mandala; hindu tradition; budist-tibetan tradition; teenager's behavior in the classroom.

Introdução

A expressão *mandala* provém de uma palavra da língua sânscrita, falada na Índia antiga, e significa, literalmente, um círculo, ainda que também (como composto de *manda* = essência e *la* = conteúdo) seja entendida como “o que contém a essência” ou “a esfera da essência” ou ainda “o círculo da essência” (Green, 2005, p. 7).

Refere-se a uma figura geométrica em que o círculo está circunscrito em um quadro ou o quadrado em um círculo. Essa figura possui ainda subdivisões, mais ou menos regulares,

dividida por quatro ou múltiplos de quatro. Parece irradiada do centro ou se move para dentro dele, dependendo da perspectiva do indivíduo (Samuels, Shorter e Plaut, 1998). É utilizada de modo esquemático e, ao mesmo tempo, pode ser entendida em certas tradições religiosas como um resumo da manifestação espacial do divino, uma “imagem do Mundo” (Chevalier e Greerbrant, 2001 p. 585).

C. G. Jung assim se expressa sobre a mandala: “A palavra sânscrita *mandala* significa “círculo” no sentido habitual da palavra. No âmbito dos costumes religiosos e da Psicologia, designa imagens circulares que são desenhadas, pintadas, configuradas plasticamente, ou danças” (2002, pp. 385-387).

Mandala: conceituação

Vários autores, entre eles Jung (2002), Chevalier e Gheerbrant (2001), Samuels, Shorter e Plaut (1988), oferecem-nos auxílio para a compreensão da conceituação da *mandala*, que pode ser compreendida como círculo mágico, símbolo do centro, da meta e do si-mesmo, enquanto totalidade psíquica, de centralização da personalidade e produção de um centro novo nela.

Nesse sentido, Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 585) explicitam que a *mandala* é, concomitantemente, a imagem e o motor da ascensão espiritual, que procede de uma interiorização cada vez mais elevada da vida. É ainda através de uma concentração progressiva do múltiplo no uno que o *eu* pode ser integrado no todo e o todo reintegrado no *eu*. C. G. Jung recorre à imagem da *mandala* para designar uma representação simbólica da psique, cuja essência nos é desconhecida. Observou que essas imagens são utilizadas para consolidar o mundo interior e para favorecer a meditação em profundidade.

Entre as representações do *Self*, quase sempre encontramos a imagem dos quatro cantos do Mundo, com um centro de um círculo dividido em quatro. Jung usou a palavra hindu

mandala (círculo mágico) para designar esse tipo de estrutura, que pode ser compreendida como uma representação simbólica do *átomo nuclear* da psique humana (Jung, 2002).

Mandala na tradição hinduísta

A *mandala* tradicional hinduísta faz parte do ritual de orientação e do espaço sagrado central, que são: o altar e o templo. É o símbolo espacial da presença divina, no centro do Mundo (*Vastu-Purusha mandala*).

Chandra e Kumar (2005, p. 308) comentam:

As *mandalas* são diagramas circulares e esféricos para a visualização durante as práticas religiosas. É um dos maiores símbolos da experiência humana. Ela é a passagem de um estado para outro, ou seja, do material ao espiritual. Seu centro é uma entidade; sua periferia é a perfeição. É um instrumento visual para a concentração ou meditação introvertida que conduz à realização das formas sobrenaturais que se encontram na *mandala*.

Green (2005, p. 16) afirma que a *mandala tântrica* “é uma das mais importantes da Índia, pois mostra as leis que governam o Cosmos, às quais estão submetidos tanto os homens como a Natureza em si mesma”. O que se chama *tântrica* refere-se a um texto sagrado hindu em que se associam as evocações de divindades, bem como a aquisição do poder mágico de alcançar a iluminação por meio da meditação. Nesse contexto, a *mandala* é pintada ou desenhada como suporte para meditação, assim como riscada no chão para os ritos de iniciação.

Mandala na tradição budista

Na tradição budista, notadamente entre os adeptos da crença *tântrica*, a chamada *mandala kalachakra* (*mandala* da roda do tempo) está baseada em textos sagrados tibetanos, o

Kalachakra Tantra, que segundo a tradição foi ensinado por Buda. Nessa *mandala* procura-se visualizar as divindades e seu resultado, que é a obtenção da Iluminação (ibid., p. 15).

Essas figurações concêntricas das *mandalas* são imagens dos dois aspectos que são complementares e idênticos à realidade: o aspecto da razão original, que é inata nos seres humanos (e que utiliza imagens e idéias do Mundo material, ilusório) e o aspecto do conhecimento terminal produzido pelos exercícios físicos e mentais que são adquiridos pelos *Budas* (Iluminados) e que se fundem uns com os outros, na intuição do estado da mais alta felicidade possível, chamado *Nirvana*. Admite-se que esse estado mental é de grande liberdade e espontaneidade interior em que a mente humana goza de tranqüilidade suprema, pureza e estabilidade.

Mandala na tradição tibetana

O que se chama na atualidade Tibet é uma região autônoma da China contemporânea, com população essencialmente budista. C. G. Jung descobriu que as *mandalas* na tradição budista tibetana derivam do conhecimento religioso dos lamas.

Essa expressão, lama, significa *guru*, na tradição hinduísta, *mestre*. Nesse sentido, os lamas consideram a verdadeira *mandala* uma imagem interior que, gradualmente, é construída nos momentos de equilíbrio psíquico perturbado ou quando um pensamento não pode ser encontrado e deve ser procurado, porque não está contido na doutrina sagrada.

Podemos entender assim: a *mandala* como um guia imaginário e provisório de meditação. Daí, a *mandala* pode se manifestar em suas combinações variadas de círculo e quadrado, o que se chama mundo espiritual e mundo material, respectivamente, assim como expressa a dinâmica das relações que os unem, em tríplice aspecto, ou seja, plano cósmico, antropológico e divino. No centro da *mandala* situa-se o trono da divindade eleita, sendo que a palavra do mestre é capaz de animá-la.

Observa-se, pela atividade ritualística, que, segundo essa tradição, a *mandala* é compreendida como imagem e motor da ascensão espiritual. Essa ascensão espiritual, na tradição oriental, segundo Hinnels (1995), procede de uma interiorização cada vez mais elevada da vida e ainda de uma concentração progressiva do múltiplo no uno: ou seja, o “eu” reintegrado no Todo e o Todo reintegrado no “eu”.

A escritora Fioravante (2002) admite que, além de guia de meditação, existe uma energia nos desenhos *mandálicos*, e procura oferecer uma classificação e explicação das suas funções. Essas referidas *mandalas* podem ser regeneradoras, equilibradoras e mesmo ativadoras dos processos físicos, podendo produzir alterações energéticas positivas nos níveis material e espiritual do homem, de acordo com as tradições religiosas. Diz, textualmente: “O campo de força de uma mandala modifica a energia em vários níveis. Ele estimula a mente a equilibrar as emoções e ativa os processos físicos ajudando a restabelecer sua função plena. A mandala é uma fonte de cura” (Fioravante, 2002, p. 8).

Moacanin (1999) procura, por sua vez, estabelecer uma síntese da relação da psicologia junguiana com o budismo tibetano em sua maior profundidade. Sinaliza que a *mandala* é realmente um símbolo importante porque são imagens que contêm elementos opostos, agrupados em torno de um núcleo central. Diz: “desse modo revela para o discípulo a interação de forças que operam no Cosmos, bem como dentro da própria psique” (p. 85).

Argumenta esse estudioso que as *mandalas* são símbolos religiosos e filosóficos com sentido determinado pela tradição tibetana, e brotam de visões e experiências interiores dos praticantes da meditação altamente desenvolvidos e ainda mais: num meio ambiente muito especial e espiritualmente criativo.

Mandala na visão da psicologia analítica

As *mandalas* foram conhecidas no mundo ocidental, cristão, somente em época recente, graças ao interesse pela tradição religiosa-espiritual e esotérica sobre o mundo oriental (Aranha e Martins, 1987). As pesquisas de Jung sobre o simbolismo das *mandalas* contribuíram para torná-las acessíveis ao público ocidental. Foi quando se identificou uma relação entre o material espontâneo dos sonhos dos indivíduos que atravessavam crises interiores e os estranhos símbolos encontrados nos desenhos *mandálicos*.

O tema *mandala* é observado nas obras básicas e complementares de Jung (1875-1961). Nesse sentido, o fundador da psicologia analítica recorreu à imagem da *mandala* para designar uma representação simbólica da psique, como, aliás, nos referimos anteriormente.

Chevalier e Gheerbrant (2001) observam que o pesquisador suíço e seus discípulos verificaram que as imagens são utilizadas para consolidar o ser interior ou para favorecer a meditação em profundidade. Explicam que a contemplação de uma *mandala* pode inspirar a serenidade e ajudar a reencontrar um sentido e ordem na vida. Verificaram que a *mandala* produz o mesmo efeito quando aparece espontaneamente nos sonhos do homem contemporâneo que ignora essas tradições religiosas orientais. Explicaram os autores mencionados, ainda, que as formas redondas das *mandalas* simbolizam, de maneira geral, a integridade natural, enquanto a forma quadrada representa a tomada de consciência dessa integridade. Em sonhos, o disco quadrado e a mesa redonda podem se encontrar, anunciando uma tomada de consciência iminente do centro. Jung verifica que a *mandala* possui dupla eficácia: conservar a ordem psíquica, se ela já existe; ou restabelecê-la, se ela desapareceu. Neste último caso, exerce uma função estimulante e criadora.

Diz Jung:

[...] as *mandalas* não provêm dos sonhos, mas da imaginação ativa [...] As *mandalas* melhores e mais significativas são encontradas no âmbito do budismo tibetano [...] Uma *mandala* deste tipo é assim chamado “*yantra*”, de uso ritual, instrumento de contemplação. Ela ajuda a concentração, diminuindo o campo psíquico circular da visão, restringindo-o até o centro. (2002, p. 352)

E prossegue:

Este centro não pensando como sendo o “eu”, mas se assim se pode dizer, como o “si mesmo”. Embora o centro represente, por um lado, um ponto mais interior, a ele pertence também, por outro lado, uma periferia ou área circundante, que contém tudo quanto pertence a si mesmo, isto é, os pares de opostos, que constituem o todo da personalidade. (p. 352)

E é nesse contexto que Jung, na obra citada, verifica que o centro, primeiramente, pertence à consciência, depois, ao assim chamado inconsciente pessoal e, finalmente, a um segmento de tamanho indefinido chamado inconsciente coletivo, cujos arquétipos são comuns a toda humanidade.

Jung utilizou as *mandalas* como instrumento conceitual para analisar e assentar as bases sobre as estruturas arquetípicas da psique humana. O autor considerava que o comportamento humano se molda de acordo com duas estruturas básicas da consciência: a individual e a coletiva. A primeira se aprenderia durante a vida em particular; a segunda se herdaria de geração em geração.

Green explica que:

Do ponto de vista psicológico, a *mandala* se definiria como a estrutura de um determinado comportamento da consciência coletiva do homem. Este se manifestaria claramente quando nossa consciência individual permanece em um estado de

semivigília: são *mandalas*, por exemplo, esses desenhos abstratos que realizamos inconscientemente, numa folha de papel, mesmo quando estamos distraídos, por exemplo, assistindo a uma aula, reunião ou conferência desinteressante, ou simplesmente atendendo um telefonema e em outras situações. Estes desenhos, de uma ou de outra maneira, intentam compensar nossa dispersão mental e ordenar nesse preciso momento nossa existência. Ao analisar estes desenhos, realmente comprovaremos que a maioria estão traçados a partir de figuras geométricas simples, geralmente, um círculo, um quadrado, uma espiral e outras. (2005, p. 22)

Jung (2002, p.401) observou também que a mandala oferece desenhos pintados, configurações plásticas ou dançadas. De outro lado, como fenômeno psicológico, aparece de maneira espontânea em sonhos e em certos estados conflitivos e até psicóticos. A ocorrência espontânea em indivíduos permite à investigação psicológica um estudo mais aprofundado de seu sentido funcional.

Jung ainda sinaliza que a *mandala* pode aparecer em estados de dissociação psíquica ou de desorientação. E que, quando existe um estado psíquico de desorientação, devido à irrupção de conteúdos incompreensíveis do inconsciente, observa-se tal imagem circular, a qual compensa a desordem e a perturbação do estado psíquico: “Trata-se evidentemente, de uma ‘tentativa de autocura da natureza’” (Jung, 2002, p. 385).

Por isto, Moacanin (1999, p. 30) explicita que Jung observou que as *mandalas* surgem espontaneamente quando a psique está em processo de reintegração, em seguida a momentos de desorientação psíquica, como fator compensador da desordem. Portanto, Jung entende a *mandala* como uma tentativa de autocura, inconsciente, a partir de um impulso instintivo, no qual o “molde rigoroso” imposto pela imagem circular com um ponto central, compensa a desordem do estado psíquico. Conclui o autor que a *mandala* é um arquétipo da ordem, da integração e da plenitude psíquica, surgindo como esforço natural de autocura.

Como já pudemos observar, dentre os arquétipos, o mais importante é justamente aquele que Jung chamou de *Self* ou *Si-Mesmo*. O *Self* expressa a totalidade do homem e aparece sob diferentes aspectos, um dos quais é a *mandala*. Como vimos, a *mandala* é utilizada pelos orientais como um meio para favorecer a meditação profunda, a fim de alcançar a paz interior (Lisboa da Cunha, 1998, pp. 140-141).

A propósito, recordamos, como se indicou anteriormente, que Jung adotou a expressão sânscrita *mandala* para descrever desenhos circulares que fazia com seus pacientes, associando a *mandala* com o *Self*, o centro da personalidade como um todo. Neste contexto, Fincher (1998, p. 26) afirma que Jung, em suas pesquisas, mostrava o impulso natural para vivenciar o potencial humano e realizar o padrão da personalidade genuína. Por essa razão, Jung chamava esse impulso natural de “individuação”.

Na procura de uma relação entre as *mandalas* do mundo oriental com o ocidental, Von Franz afirma:

O círculo (ou esfera) como um símbolo do “*Self*” expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo o relacionamento entre o homem e a natureza [...] ele indica sempre o mais importante aspecto da vida: sua extrema e integral totalidade. (2002, p. 246)

Nesse sentido, entre as duas culturas, oriental e ocidental, o círculo de quatro ou mais raios corresponde a um padrão no mundo oriental, ligado a imagens religiosas que servem de instrumento e meditação: círculos abstratos que também representam o esclarecimento, a iluminação e a perfeição humana, e, de outro lado, no mundo ocidental, as *mandalas* aparecem como rosáceas das catedrais cristãs, e relacionadas, psicologicamente, ao *Self* como a totalidade, na psicologia analítica.

Tem-se ainda exemplos de *mandalas* como padrões da totalidade, encontrados, inclusive, na própria natureza, como

testemunho de que realmente existe uma unidade que se manifesta em simples relações proporcionais. Essas relações de proporções criam diversos padrões de totalidade fornecendo forma tangível à ordem intangível. Os exemplos na natureza são marcantes, ou seja, podemos observar o padrão de *mandala* no caule de uma flor, como a papoula, quando aumentamos sua imagem mil vezes, ou nas dicotâmáceas, quando as aumentam quatrocentas e cinquenta vezes, e o padrão de mandala se repete no caule de um lírio, com aumento de cento e vinte vezes. Esse padrão de mandala pode, inclusive, ser visto de forma nítida quando criado em um líquido por vibrações harmônicas.

Podemos afirmar que “as *mandalas* se encontram igualmente na raiz de todas as culturas e estão presentes em todo ser humano como padrão arquetípico de comportamento” (Dahlk, 2003, p. 7).

Conclusão

Percebemos que Jung, estudando as *mandalas* e sua manifestação no mundo oriental como instrumento de culto e de meditação, passou a desenhá-las. Observando-as no mundo ocidental, descobriu o efeito de autocura que elas exerciam, inclusive em si mesmo.

Em seguida, passou a utilizá-las como método psicoterapêutico. E conclui que esses *círculos mágicos* da tradição cultural oriental, hinduísta ou budista, eram representações instintivas de um símbolo universal desenhadas desde os primórdios da humanidade.

Concluindo, a *mandala*, nas tradições culturais hinduísta e budista-tibetana, aparece como instrumento de concentração mental. O termo *mandala*, em sânscrito, indica “círculo” e ocorre para designar, de maneira genérica, uma figura circular, esférica, o círculo em um quadrado e vice-versa. Foi Jung que introduziu o conceito de *mandala* na psicologia analítica como

imagens representantes do Si-mesmo, em outras palavras, reconheceu que esses desenhos eram representações simbólicas da totalidade da psique. Jung interpretou como uma expressão da psique e, em particular do *Self*. As *mandalas* podem aparecer em sonhos ou em pinturas durante a análise junguiana, ocorrendo mais provavelmente em estados de dissociação psíquica ou de desorientação.

Portanto, as *mandalas* podem expressar um potencial para a totalidade, como procede nas tradições religiosas hinduísta e budista-tibetana, podem ser empregadas como instrumento de concentração e como um meio para unir a consciência individual com o centro da personalidade. Elas também podem funcionar como proteção para indivíduos que estão fragmentados, em que a ordem rigorosa da imagem circular compensa a desordem e a perturbação do estado psíquico.

Referências

- ARANHA, M. L., MARTINS, M. M. P. *Filosofando: Introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1987.
- CHANDRA, T.; KUMAR, R. *Gods, goddesses & Religious symbols of Hinduism, Buddhism & Tantrism*. Kathmandu, Nepal: Modern Printing Press, 2005.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionários de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- DAHLKE, R. *Mandalas: formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina*. São Paulo: Pensamento, 2003.
- FINCHER, S.F. *O autoconhecimento através das mandalas*. São Paulo: Pensamento, 1998.
- FIORAVANTE, C. *Mandalas: como usar a energia dos desenhos sagrados*. São Paulo: Pensamento, 2002.
- GREEN, S. *El Libro de los mandalas del mundo*. Santiago, Chile: Océano Âmbar, 2005.
- HINNELS, J.R. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LISBOA DA CUNHA, M. H. *Espaço real e espaço imaginário*. Rio de Janeiro: Uapê - Espaço Cultural da Barra, 1998.

MOACANIN, R. *A Psicologia de Jung e o Budismo Tibetano*. São Paulo: Cultrix, Pensamento, 1999.

SAMUELS, A; SHORTER, B.; PLAUT, F. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Rio de Janeiro: Imago/Consultoria Editora, 1998.

VON FRANZ, M. L. Processo de individuação. In: JUNG, C.G. *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

Recebido em maio de 2006

Aprovado em dezembro de 2006